

**COBERTURA TELEJORNALÍSTICA DO
CRIME DE SUZANO: ENTRE JORNALISMO
HUMANIZADO E SENSACIONALISMO**

VANESSA MATOS DOS SANTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS, BRASIL
VANMATOS.SANTOS@GMAIL.COM

JOÃO PEDRO ALVES CINTRA RABELO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS, BRASIL
JOAOPACR@GMAIL.COM

COBERTURA TELEJORNALÍSTICA DO CRIME DE SUZANO: ENTRE JORNALISMO HUMANIZADO E SENSACIONALISMO

Resumo: Esta pesquisa problematiza as coberturas jornalísticas dos telejornais Panorama, da TV Cultura, e do Brasil Urgente, da TV Bandeirantes sobre um crime ocorrido na cidade de Suzano, em 2019. Partindo do objetivo de sublevar estratégias audiovisuais que implicam na mobilização das sensações (Jornalismo de Sensações) para a construção de narrativas humanizadas na cobertura telejornalística, a análise audiovisual empreendida neste artigo concluiu que, distante de buscar rotular os programas analisados, foi possível identificar de que forma o Jornalismo de Sensações pode ser utilizado para humanizar narrativas jornalísticas em coberturas de tragédias.

Palavras-chave: Jornalismo de sensações; Jornalismo humanizado; Telejornalismo; Panorama; Brasil Urgente.

COBERTURA TELEVISIVA DEL CRIMEN DE SUZANO: ENTRE PERIODISMO HUMANIZADO Y SENSACIONALISMO

Resumen: Esta investigación problematiza la cobertura periodística de los noticieros televisivos Panorama, de TV Cultura, y Brasil Urgente, de TV Bandeirantes sobre un crimen ocurrido en la ciudad de Suzano, en 2019. Sensações) para la construcción de narrativas humanizadas en la cobertura teleperiodística, el análisis audiovisual realizado en este artículo concluyó que, lejos de buscar etiquetar los programas analizados, fue posible identificar cómo el Periodismo de Sensaciones puede ser utilizado para humanizar las narrativas periodísticas en la cobertura de tragedias.

Palabras clave: Periodismo de sensación; Periodismo humanizado; Teleperiodismo; Panorama; Brasil Urgente.

TELEVISION NEWS COVERAGE OF SUZANO'S CRIME: BETWEEN HUMANIZED JOURNALISM AND SENSATIONALISM

Abstract: This research problematizes the journalistic coverage of the news programs Panorama, from TV Cultura, and Brasil Urgente, from TV Bandeirantes about a crime that took place in the city of Suzano, in 2019. Sensações) for the construction of humanized narratives in telejournalistic coverage, the audiovisual analysis undertaken in this article concluded that, far from seeking to label the analyzed programs, it was possible to identify how Sensations Journalism can be used to humanize journalistic narratives in coverage of tragedies.

Keywords: Sensation journalism; Humanized journalism; Telejournalism; Panorama; Brasil Urgente.

1 INTRODUÇÃO

No dia 13 de março de 2019 diversos noticiários televisivos exibiram informações sobre o crime¹, ocorrido naquela manhã, na Escola Estadual Professor Raul Brasil, na cidade de Suzano, no estado de São Paulo. Sete pessoas morreram e outras onze ficaram feridas. Durante a semana várias coberturas jornalísticas foram exibidas sobre o ocorrido e grande parte delas focalizava as possíveis razões que motivaram o acontecimento e os desdobramentos que o ato desencadeou na vida tanto das famílias das vítimas quanto dos supostos autores do crime. O noticiário televisivo também transmitiu informações sobre o enterro das vítimas, que foi coletivo, e as medidas que seriam tomadas para melhorar a segurança no ensino público do estado de São Paulo.

Esse tipo de acontecimento, pela sua natureza violenta, é capaz de despertar horror, indignação e sensibilizar pelo choque. Desta forma, este artigo dedica-se a comparar as coberturas telejornalísticas feitas pelo Panorama e pelo Brasil Urgente sobre o crime em questão, com vistas a sublevar estratégias audiovisuais que implicam na mobilização das sensações (Jornalismo de Sensações) para a construção de narrativas humanizadas em uma cobertura telejornalística.

2 COBERTURA JORNALÍSTICA: SENSACIONISMO E HUMANIZAÇÃO

O acompanhamento, bem como a divulgação dos desdobramentos de um acontecimento pela imprensa, de uma forma geral, é designado como cobertura midiática. Nesta saga de perseguir os sujeitos envolvidos no caso em questão em busca de uma manchete, uma entrevista exclusiva, um fato inédito, documentos não revelados anteriormente, etc., diversas são as empresas e os profissionais do jornalismo que, atendendo aos interesses mercadológicos, lançam-se a uma cobertura que pode extrapolar a explicitação do sentir e desembocar no que tradicionalmente tem sido chamado de sensacionalismo.

1 Na manhã do dia 13 de março de 2019, uma dupla (um tinha 17 e o outro 25 anos) de ex-alunos da escola invadiu o local, atirando contra alunos e funcionários do local, assassinou cinco estudantes e duas funcionárias da escola. Antes da invasão à escola, a dupla já havia assassinado o tio de um dos acusados. Logo após o tiroteio e ainda dentro do estabelecimento escolar, um dos atiradores assassinou o comparsa e, em seguida, cometeu suicídio.

A problematização deste ponto deve levar em consideração um recuo histórico relevante. O fascínio pela dimensão do sentir em jornalismo, no entanto, não é recente. Amparando-se nos estudos de Siegfried Kracauer e Walter Benjamin, Singer (2014), por exemplo, liga a presença de imagens chocantes em jornais impressos do início do século XX ao advento da modernidade. Os jornais voltados para o entretenimento popular exploravam os aspectos que geravam temor e, ao mesmo tempo, curiosidade no homem moderno. O próprio Singer (2014) chega a destacar que, conforme as cidades foram experimentando o desenvolvimento da construção civil expresso pela existência de edifícios maiores, ruas mais largas, bondes etc., também os jornais passaram a noticiar as quedas de grandes alturas, atropelamentos de pessoas por bondes etc. Era algo que despertava, simultaneamente, medo e curiosidade.

No Brasil, esse movimento fez com que, nos anos 1920, no Rio de Janeiro, os jornais passassem a valorizar o grotesco, o inusitado, o desvio, com foco na quebra de padrões de uma dada normalidade (MATHEUS, 2011, p. 31). Entre os principais assuntos, as tragédias diárias: crimes, desastres, roubos e incêndios. A maneira como essas histórias são contadas, segundo Matheus (2011), se dá de tal forma que o leitor tenha a sensação de participar do acontecimento, em meio às narrativas, inaugurando uma linguagem sensacionalista que praticamente obrigava “o leitor a se envolver emocionalmente com o texto” (ANGRIMANI, 1995, p. 16).

Na esteira de desenvolvimento do rádio e da televisão, esse tipo de jornalismo foi se tornando cada vez mais frequente, de modo que a palavra (sensacionalismo) passou a se referir ao jornalismo que destaca, sobretudo, a superexposição da violência através das coberturas policiais e da divulgação de histórias surreais, chocantes, fazendo uso de “[...] uma linguagem que não raramente apela para gírias, palavrões e inclui no seu acervo narrativo expressões que sejam de fácil entendimento para os grupos populares” (MATHEUS, 2011, p. 32). Com o tempo, do ponto de vista midiático, o adjetivo “sensacionalista” passou a designar produções jornalísticas, principalmente quando oriundas da imprensa popular, que focalizam as sensações, mas de acordo com uma lógica que liga tais produções a um suposto mau gosto estético (AMARAL, 2005; BARBOSA, 2005; ENNE, 2007).

Para além dessa categorização simplista, funcional e que por vezes também pode ser preconceituosa, qual seja, jornalismo sensacionalista, entende-se que diversas narrativas midiáticas contemporâneas têm se ar-

ticulado de acordo com um jornalismo que se faz mediante uma estratégia que viabiliza o continuum narrativo, potencializando o melodrama e, conseqüentemente, inscrevendo os episódios em um fluxo sensacional.

Tais produções buscam dialogar com seu público, lançando mão de estratégias que “[...] não são originadas no interesse comercial, mas sim reapropriadas pelas empresas jornalísticas para conectar seus produtos ao público” (AMARAL, 2005). Ao detalhar a dinâmica utilizada por diversas empresas jornalísticas, Amaral (2005) assinala que a composição dos artifícios que levam ao sensacionalismo “podem se configurar numa estratégia de comunicabilidade com o público através da apropriação de uma matriz cultural e estética diferente daquela que rege a imprensa de referência” (AMARAL, 2005, p. 5). É preciso, portanto, que esse público se sinta representado pela narrativa que está sendo contada, que a entenda e desenvolva uma relação com a história (GUAY; DUCHARME, 2013).

A construção dessa relação com o público perpassa diferentes instâncias, tais como, a representação social, o movimento das sensações físicas, dramatizações etc. Não raro, tais narrativas podem desembocar na exploração da dor do outro, na ridicularização, escárnio, deboche, superexposição dos sujeitos envolvidos. Ao criticar a exploração da dor alheia por este tipo de imprensa, Ijuim (2011) defende a produção de um jornalismo que se embase em narrativas mais humanizadas.

Muitas vezes inserido num contexto moderno da rapidez e do maior volume de informações, o jornalista ou o repórter perde o costume às boas narrativas. O conjunto desses fatores leva ao que o autor considera como uma “padronização cega”, que conduz, por sua vez, à desumanização do jornalismo (BORTOLI, 2016, p. 4). Mas é preciso atentar-se para o fato de que o jornalista tem uma responsabilidade que deve ser compartilhada e relativizada com o veículo em que ele trabalha (MARCONDES FILHO, 1988).

A construção dessas narrativas e das experiências vividas se torna possível quando o jornalista percebe as fragilidades do mundo e demonstra empatia com a dor do outro, sem perder a curiosidade e a sensibilidade. Harrington (1997) defendeu o uso do termo “jornalismo íntimo” ou ainda “jornalismo de intimidade” para designar conteúdos jornalísticos que se dispusessem a efetivamente se aproximar do sujeito, ensejando uma nova relação que supera o tradicional lead. Willis (2003), por sua vez, complementa esta visão destacando que, não importando tanto o termo utilizado, o que precisa ficar claro é o fato de que estas narrativas jornalísticas têm de ser

sempre orientadas pelas pessoas, repondo-se o sentido e a importância da humanização dos fatos.

Nesta linha de raciocínio, Matheus (2011) explicita que, seguindo a máxima deontológica que apregoa que ao jornalismo cabe o trabalho de costurar os principais acontecimentos, é importante destacar que o jornalismo que focaliza as sensações se faz de acordo com dinâmicas e estratégias narrativas próprias. Ademais, as pesquisas que enfocam tais mecanismos e estratégias nem sempre consideram especificidade do audiovisual (GRABE et al., 2001). Diversos trabalhos acadêmicos ainda enfocam o estudo desse tipo de jornalismo tendo o jornal impresso como mídia principal (ANGRIMANI, 1995; PEDROSO, 2001; ENNE, 2007; RAMOS, 2013). Ora, se a leitura de uma manchete considerada chocante é capaz de fazer disparar o coração do leitor, os audiovisuais são capazes de captar a atenção do telespectador de um só golpe, sem permitir tempo para pré-julgamentos e / ou filtros, dada sua natureza sensível, fluida (SANTOS, 2017).

3 O CRIME DE SUZANO NO TELEJORNAL: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partindo do objetivo geral de identificar as dinâmicas e estratégias narrativas utilizadas em coberturas telejornalísticas, esta pesquisa, de natureza qualitativa (FLICK, 2009; BAUER; GASKELL, 2002), focalizou o crime de Suzano em razão da atipicidade do fato e também em função da comoção nacional desencadeada por ele. Com base no critério de conveniência (PRIEST, 2010), a amostra selecionada contemplou dois telejornais exibidos na televisão aberta e em rede nacional, quais sejam: Brasil Urgente², veiculado pela TV Bandeirantes e Panorama³, da TV Cultura. Esses dois telejornais foram escolhidos em função das referências históricas que sustentam a sociedade brasileira.

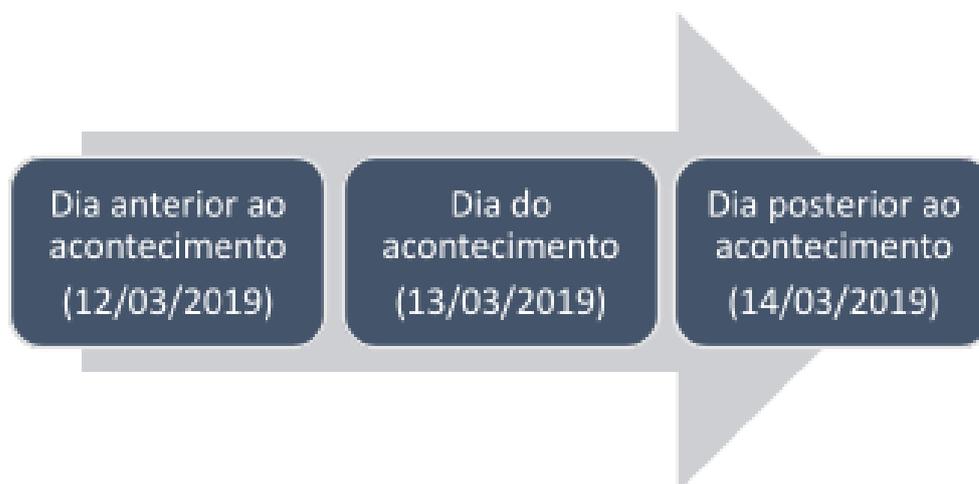
2 Brasil Urgente é um programa jornalístico exibido pela Rede Bandeirantes no período da tarde. O programa se destaca pela duração (cerca de 3 horas) e pela dinâmica de entradas ao vivo de repórteres localizados em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba e Porto Alegre. Além do Brasil Urgente que é exibido pela rede, algumas emissoras afiliadas da TV Bandeirantes também exibem suas versões regionais do telejornal (por ex.: Minas Urgente, Nordeste Urgente, dentre outros)

3 O Programa Panorama teve sua produção descontinuada pela TV Cultura e já não consta mais na grade da emissora, mas, à época do ocorrido, era um telejornal veiculado de segunda a sexta-feira, das 12h30 às 13h00.

O Brasil Urgente tem sido alvo de diversos estudos (VASCONCELOS; FREITAS, 2019; TEMER, 2005) que o posicionam como um marco em termos de jornalismo sensacionalista no Brasil. Na vertente oposta, o telejornalismo da TV Cultura é observado como sinônimo de um jornalismo comedido e de qualidade (LEAL FILHO, 2009; MEIRELES; BRAGA; COUTINHO, 2014). Embora a principal referência telejornalística da TV Cultura seja o Jornal da Cultura, optou-se, no escopo deste artigo, por selecionar o Panorama em função de ser este um programa calcado em entrevistas mais longas e aprofundadas em torno de um tema específico.

Selecionados os telejornais, realizou-se – com base no acontecimento principal – O crime de Suzano – o recorte temporal de três dias para a coleta do material audiovisual para a análise da cobertura telejornalística. A escolha por essa temporalidade baseou-se na necessidade de observar se houve mudança na estrutura e no horário dos programas em função do acontecimento. Desta forma, o recorte selecionado para a análise contempla 3 edições de cada um dos telejornais aqui enfocados em função do acontecimento.

Figura 1 – Recorte estabelecido para análise



Fonte: Autores (2021)

Com relação aos procedimentos, foram selecionados os vídeos correspondentes aos programas na íntegra dos três dias, obtidos através dos canais das emissoras na plataforma YouTube e na plataforma do Brasil Urgente no site da TV Bandeirantes. O estudo dos vídeos nesta pesquisa foi, do ponto de vista metodológico, guiado pelo aporte da análise audiovisual

(ROSE, 2002). Essa metodologia se debruça sobre conceitos e técnicas que buscam observar representações sociais no universo audiovisual. No meio televisivo e considerando os telejornais, a autora entende que eles sejam uma combinação de sentidos, imagens, técnicas e composição de cenas em função de conteúdo e estrutura (ROSE, 2002, p. 343).

A mesma autora defende, por exemplo, que na decupagem de um material televisivo, deve-se atentar a como descrever os elementos visuais, as variações presentes na fala, os efeitos especiais de música, sons ambientes e iluminação. Essa pormenorização possibilita a compreensão e identificação de traços significativos no contexto jornalístico em que acontece uma cobertura (ROSE, 2002). Após seleção, coleta, registro e transcrição das informações compreendidas no contexto visual e verbal das narrativas, foi possível observar a forma como os repórteres noticiaram o ocorrido e as suas interações com alguns entrevistados que são importantes no desenvolvimento de narrativas, além das técnicas de elaboração de reportagens e notícias, o enquadramento e a angulação, a presença ou ausência de efeitos sonoros, a escrita do texto e o tom utilizado para abordar o tema. O procedimento foi, portanto, composto de análise norteada por quatro pontos basais que se relacionam à dimensão da exacerbação dos sentidos na narrativa telejornalística, foco da pesquisa. Com vistas a compreender as estratégias que norteiam tal construção, busca-se, na análise, sublevar: a) como são retratadas as vítimas e seus parentes; b) como os telejornais analisados referem-se aos sujeitos considerados autores do crime e seus parentes; c) como se referem ao crime; e d) como o local onde aconteceu a ação é referenciado.

Um dia antes do crime: 12 de março

A estrutura do telejornal Panorama, da TV Cultura, no dia que antecedeu o crime em pauta baseou-se na discussão sobre o declínio da indústria automobilística no Brasil. Seguindo sua estrutura usual, o programa adotou um tema a partir do qual toda a discussão se desenrolou por meio de análises e opiniões de especialistas entrevistados tanto nas reportagens quanto no estúdio. O Panorama organizou-se nesse dia com duas reportagens intercaladas, sobre a crise nas montadoras de automóveis e os impactos do fechamento da indústria Ford na cidade de São Bernardo do Campo, entre discussões com um professor de sociologia e um economista a respeito dos

possíveis motivos do surgimento dessa crise e as soluções que poderiam ser tomadas, ao longo de 27 minutos.

A apresentadora do programa, a jornalista Adriana Cimino, atuou também como mediadora da discussão, realizando alguns questionamentos aos dois especialistas, além de outra pergunta enviada com a participação do público via Facebook e Twitter. No aspecto da referenciação aos personagens da história que foi contada, o telejornal os identifica pelo nome, por funcionários ou trabalhadores. O tom dramático utilizado na construção da narrativa da primeira reportagem remete ao sensacionalismo porque o repórter busca fazer com que o telespectador perceba os efeitos que o encerramento dos trabalhos de montadoras poderia deixar na economia das cidades onde se instalaram no país.

O telejornal Brasil Urgente do dia 12 de março foi estruturado em torno de 11 reportagens, que abordavam o temporal que atingiu o ABC paulista e causou estragos nas cidades da região. Apesar de conter informações sobre outras tragédias que aconteceram em São Paulo, foi possível perceber que o foco da edição foi o tema do temporal e suas consequências.

Remetendo às estratégias sensacionalistas, reportagens e entrevistas têm início dando enfoque aos deslizamentos que aconteceram em algumas regiões de São Paulo. Um dos entrevistados explica como conseguiu ajudar outras pessoas a escaparem das enchentes, enquanto encontra-se acamado num leito de hospital. A gravação se dá com a utilização do plano fechado para dar foco ao rosto do rapaz que conversou com a reportagem. Em outra cena, famílias são ouvidas e contam como perderam tudo o que tinham no temporal. O cenário de destruição recebe destaque. É possível identificar na fala do repórter as mudanças na entonação e na maneira como narra os acontecimentos num tom de desespero. As palavras de preocupação, em prantos, de uma moradora recebem um enquadramento mais próximo que deixa a reportagem mais carregada emocionalmente.

O dia do crime: 13 de março

No segundo dia de análise, o terceiro vídeo, do Panorama, evidencia uma mudança de estrutura em decorrência do ataque que aconteceu à Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano, naquele 13 de março. Na ocasião, o programa não contou com uma reportagem sobre um tema central, outra de aprofundamento e nem com o tradicional diálogo entre espe-

cialistas no estúdio. O grande assunto da edição foi a “tragédia”, como nomeado o crime pelo Panorama e as entrevistas com especialistas, realizadas por telefone. Ao longo do programa, mais quatro links foram apresentados, sendo um com um repórter e os outros três com especialistas que buscavam ampliar a dimensão sobre o que tinha acontecido até o momento e discutir questões em torno da segurança pública nas escolas. Durante todo o tempo os sujeitos que compõem essa gravação são tratados pelo nome ou por suas funções profissionais.

O programa inicia repercutindo e atualizando informações sobre o ataque que aconteceu por volta das nove horas e trinta minutos daquele dia. O dado que é repassado pela apresentadora do Panorama é o seguinte: dois jovens, não identificados, haviam entrado na escola e efetuado disparos contra alunos e funcionários. Até aquele momento, o que se sabia é que oito pessoas haviam sido mortas, sete estudantes e uma funcionária, enquanto outras 23 pessoas ficaram feridas. A expressão facial da apresentadora mostrava evidente tensão na condução daquela edição.

No início da primeira entrevista que o repórter faz com o pai de um estudante de 14 anos, apesar de saber que o filho já estava bem, é possível identificar no olhar desse pai um semblante de preocupação e até de incredulidade, como alguém que ainda não estava entendendo o que aconteceu. Apesar disso, é perceptível que o repórter não utiliza a leitura desse aspecto para realizar alguma pergunta que explorasse a delicadeza do momento. As perguntas são objetivas e referem-se a o quê o jovem relatou do acontecimento que havia presenciado ao pai e se havia alguma movimentação estranha anteriormente.

A análise dos materiais em vídeo do telejornal Brasil Urgente do dia 13 de março também evidenciou uma mudança de estrutura que afetou inclusive a programação da TV Bandeirantes. Normalmente o programa tem início às 16 horas da tarde. Nessa ocasião, José Luiz Datena entra com a edição em um horário diferente, às 12 horas, para acompanhar, a partir do estúdio, as repercussões sobre o que tinha acontecido na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano. O apresentador tenta, num primeiro momento, concentrar os esforços da equipe de jornalismo em entender e ordenar os acontecimentos que culminaram no crime.

Dentre os vários links, entrevistas e reportagens exibidos neste dia, merece especial destaque uma tentativa de entrevista com a mãe de um dos supostos atiradores. A mãe demonstrava nervosismo e visível irritação dian-

te de uma situação de desconforto, tentando tapar o rosto para não ter sua imagem exibida. Apesar das diversas negativas por parte dela, o repórter a persegue e o cinegrafista não cessa a gravação.

Em determinado momento, o jornalista (repórter) faz uma afirmação como quem espera que a mulher esboce alguma reação: “Ele jogava videogame até tarde e falava que iria matar...”, disse. Mas, a entrevistada (neste caso, a mãe), numa tentativa de defender o filho, diz que era um comportamento de criança e que eles estavam apenas brincando enquanto jogavam. Em outro momento, o repórter pergunta se ela se sentia culpada e o que poderia ter sido feito para evitar a situação. A mãe então responde que não sentia culpa por nada e que estava tentando saber o que tinha acontecido. No momento final da entrevista, o repórter pergunta o que a mulher tinha a dizer às famílias que perderam seus filhos. Notadamente desconcertada, a mãe pede desculpas e diz não saber a motivação do ataque.

Um dia após o crime: 14 de março

Na edição do dia 14 de março, o telejornal Panorama retornou à estrutura padrão do primeiro dia de análise. Uma reportagem inicial conta como aconteceu o crime, traz o relato de uma de uma pessoa que ajudou a salvar crianças, colocando-as na cozinha da escola e abre espaço para o início de um debate no estúdio sobre violência nas escolas. A apresentadora Adriana Cimino intermedeia as discussões com três especialistas.

O relato exibido nesta edição foi gravado com a cozinheira da escola, Silmara de Moraes, que ajudou a salvar alguns estudantes abrigando-os na cozinha. Apesar de impactante pelo seu teor, o relato de Silmara foi abordado pelo Panorama a partir de um viés de valorização de sua atitude diante de uma situação extrema. A humanização fica evidenciada na maneira como o jornal destaca a história contada pela funcionária. Silmara estava visivelmente em choque ainda, com a expressão facial de quem havia parado de chorar há pouco tempo. A narrativa contada por ela demonstrou uma atitude rápida, tomada em fração de segundos, de colocar os alunos para dentro da cozinha e trancá-la com uma barricada.

A análise dos materiais em vídeo do telejornal Brasil Urgente, do dia 14 de março, mostrou que o programa seguiu sem mudança de estrutura, mas diferente do dia anterior. Essa alteração foi menos impactante na programação da TV Bandeirantes porque não alterou o horário de exibição de

outros programas. O Brasil Urgente dedicou a edição inteiramente à cobertura dos fatos que repercutiram depois da tragédia que aconteceu na Escola Estadual Professor Raul Brasil. Foram atualizadas informações sobre o quadro de saúde das pessoas que sobreviveram, sobre o enterro das vítimas que faleceram e sobre o andamento das investigações pelos serviços de inteligência da Polícia Civil e pelo Ministério Público. Essas atualizações aconteceram por meio de reportagens e entrevistas ao vivo com o apresentador José Luiz Datena.

Entre as reportagens exibidas neste dia, destaca-se o trecho de uma reportagem. Durante uma conversa, uma aluna relata que foi salva pelo amigo, também aluno da mesma escola que, no momento do crime, lançou-se na frente da colega para protegê-la de um tiro. O garoto não resistiu aos ferimentos e faleceu. Durante a entrevista, a garota disse que ele tinha marcado a sua vida e que o considerava “um herói”. A reportagem também destaca qualidades pessoais como o fato de ele ser amoroso e prestativo. A garota que aparece tecendo elogios ao rapaz, chora ao lembrar do amigo que “havia marcado sua vida”.

Embora a reportagem apresente elementos de humanização da narrativa, o sensacionalismo evidencia-se pelo tom dramático que a matéria adota durante o seu desenvolvimento, ponto perceptível por meio das falas pausadas do repórter e pela edição que focaliza a imagem do garoto sob um espectro de heroísmo. O sensacionalismo se sobressaiu também quando foram mostradas as imagens dos caixões no velório coletivo que acontecia no ginásio. Essa cena é destacada quando a câmera mostra a visão que se tinha da fila de pessoas que buscavam se aproximar dos caixões dispostos na quadra do local. O momento em que o repórter pronuncia as últimas palavras que teriam sido ditas pelo garoto à amiga que tinha acabado de ser salva, “Corre! E pede socorro”, é feito com maior pausa, como se o repórter quisesse mostrar o peso dessa frase. A câmera ainda se aproxima do repórter enquanto ele repete a fala do garoto. A reportagem é finalizada com foco nas expressões faciais da garota num momento de extrema fragilidade: enquanto ela chorava e dizia que o amigo foi um herói.

3.1 Dinâmicas e estratégias narrativas na cobertura do crime de Suzano

A análise em questão demonstrou, inicialmente, que houve uma mudança evidente não apenas na estruturação dos telejornais, mas também na dinâmica da apresentação em função do ocorrido. A mudança de estru-

tura mais evidente foi observada no Brasil Urgente que foi exibido em horário excepcional, alterando completamente a grade da emissora. O jornal Panorama, por sua vez, foi mantido no mesmo horário, mas adotou uma dinâmica mais pautada no improviso – algo completamente distante para um telejornal temático e baseado em entrevistas no estúdio. Tanto Datena quanto Cimino demonstravam, em muitos momentos, estarem inseguros na apresentação dos telejornais. Enquanto o primeiro ousava mais nos comentários opinativos, a segunda sempre recorria a uma abordagem mais calcada nas sensações suscitadas e não necessariamente em informações: “Continuamos acompanhando essa tragédia que aconteceu no início da manhã de hoje”.

Brasil Urgente e Panorama utilizaram diferentes estratégias para a realização da cobertura jornalística tanto no dia do crime quanto no dia posterior a ele. No dia do crime, no entanto, as abordagens foram muito semelhantes: repórteres entrando ao vivo durante o programa para informar mais detalhes do que havia ocorrido, trechos de entrevista com o governador do estado de São Paulo, entrevistas com vizinhos, parentes de vítimas e suspeitos. As imagens exibidas mostravam cenas do local do crime e da movimentação da polícia. As entradas dos repórteres (links) do local dos fatos se destacavam muito mais por passar ao telespectador a sensação de que havia alguém ali apurando o que tinha ocorrido. As informações, no entanto, ainda eram vagas, pouco precisas e excessivamente baseadas nas impressões dos entrevistados.

Buscando detalhar as estratégias de cada um dos telejornais, é possível observar que, logo no início, o Panorama indica que apresentará a repercussão da “tragédia de Suzano”. Ao longo do programa, o crime se transforma em “tiroteio” e em “problema sério de violência nas escolas”. Os envolvidos no fato são indicados como “vítimas” e “atiradores”. Os sujeitos considerados autores do crime são referenciados como “a dupla que abriu fogo numa escola de Suzano”. Em diversos momentos ao longo da edição, a apresentadora destaca que o local do crime era uma “escola”, ou ainda “o local para onde as pessoas vão para se educarem”, buscando evidenciar o choque de um crime como esse em um local “voltado para cidadãos em formação”. As entradas realizadas pelos repórteres mantiveram o mesmo tom da apresentadora do Panorama. As entrevistas realizadas por telefone abordavam a importância de uma atuação precoce para conter casos de violência nas escolas.

No Brasil Urgente, por sua vez, o acontecimento foi classificado verbalmente pelo apresentador como “ataque”, “massacre” e “momento de desespero”. Os sujeitos envolvidos no fato são adjetivados como “vítima da crueldade”, “vida perdida”, “jovem”. Os acusados são citados como “psicopatas”, “loucos”, “suicidas”, “assassinos”, “canalhas” e “insanos”. O local do acontecimento é indicado como “uma escola em Suzano”. No decorrer da edição, destacou-se o momento em que um repórter persegue a mãe de um dos acusados do crime e praticamente a instiga a dar respostas por meio de provocações do tipo “é importante você falar para defender a honra da sua família”. A câmera faz imagens da mulher mesmo diante de sua negativa. Nesta mesma edição, o apresentador exhibe imagens do circuito interno de câmeras da escola, destacando que “com exclusividade, pela primeira vez na televisão brasileira, o momento do ataque insano desses dois suicidas e assassinos”. Enquanto as imagens são exibidas em tela, vai narrando os eventos e repetindo alguns trechos da gravação.

As diferenças entre as coberturas jornalísticas dos telejornais tornaram-se mais evidentes no dia seguinte ao ocorrido. De posse das informações mais apuradas, entrevistas mais elaboradas, imagens do circuito interno do local divulgadas, as nuances editoriais dos telejornais puderam ser mais claramente marcadas.

O Panorama adotou a temática “Segurança Pública e Apoio Psicológico” para desenvolver o debate sobre a repercussão do crime. Os nomes de vítimas e acusados são divulgados nesta edição e informações gerais sobre os velórios coletivos também são disponibilizadas. A escola – local do crime – se transforma em “local que demanda políticas de segurança pública específicas” e um dos entrevistados no estúdio destaca que “a escola Raul Brasil é considerada uma das melhores do estado de São Paulo. [...] não era uma escola considerada vulnerável”. O debate se desenvolve no sentido de destacar a necessidade de apoio psicológico aos alunos tanto nas escolas quanto em suas residências.

No caso da cobertura feita pelo Brasil Urgente, ficou claro que o programa se esforçou por acompanhar várias facetas do ocorrido: o acompanhamento do estado de saúde das vítimas sobreviventes, as investigações por parte da polícia, o posicionamento do governo do estado e suas linhas de ações a partir do fato, divulgação de informações sobre o velório coletivo das vítimas etc. O tom utilizado pelo apresentador não diferia muito daquele do dia anterior e em diversos momentos evidenciava-se uma estratégia

de mobilização das emoções por meio de imagens em câmera lenta, planos fechados que destacavam expressões faciais de tristeza e desespero dos entrevistados etc. Embora a edição tenha trazido informações mais detalhadas e apuradas a respeito do ocorrido, o programa não priorizou debates ou mesmo busca de soluções para o que se processou. Ao contrário: a narrativa do Brasil Urgente se desenvolveu priorizando o tom melodramático que, em determinados momentos, remonta às telenovelas. Os sujeitos envolvidos no crime são tratados como “personagens” de uma história que está sendo contada, mas cujo fim todos já conhecem. O que mantém, possivelmente, o interesse pela narrativa é a comoção despertada e a perspectiva de que alguma novidade surja no meio da história que está sendo contada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo é sempre posto em xeque diante de situações-limite, como chacinas, tragédias ambientais, guerras etc. Por mais que os profissionais busquem se preparar para estes acontecimentos, fato é que o cenário e o contexto com o qual se deparará o jornalista é sempre imprevisível. Nesse sentido, o telejornalismo carrega um peso a mais porque, por mais que a internet viabilize o acesso às informações de maneira mais rápida, é grande também a disseminação de informações falsas, de forma que ainda é na televisão que as pessoas buscam a credibilidade do conteúdo.

No que se refere aos telejornais atualmente veiculados pelas emissoras abertas no Brasil, é comum que a visão geral seja guiada por julgamentos preestabelecidos. Nisso se insere, por exemplo, a dimensão do que se compreende por sensacionalismo atualmente. Uma vez que o foco desse tipo de jornalismo é a mobilização das sensações, talvez de fato a expressão mais correta a ser usada – e menos preconceituosa – seja jornalismo de sensações (BARBOSA, 2005). Ainda assim, não se pode garantir que a única intenção seja a de criar aproximação com telespectador por meio do despertar de suas emoções por meio de sensações, posto que se está falando sobre interesses empresariais que ultrapassam apresentadores, repórteres, editores etc. Ao mesmo tempo, não é possível assumir unicamente o ideal de produzir um jornalismo humanizado (IJUIM, 2011) porque as situações inesperadas fazem com que os próprios jornalistas se vejam apenas e tão somente humanos e, portanto, passíveis de cometerem erros.

Os resultados aqui levantados demonstram que, por mais que um programa remonte ao uso de estratégias “sensacionalistas” em sua linha edi-

torial, é possível que existam diversos elementos de sensações em sua dinâmica e estrutura. Ademais, um dos pontos mais curiosos dessa pesquisa diz respeito ao fato de que, diante de uma cobertura telejornalística de uma situação-limite, as narrativas desempenhadas pelos telejornais são muito semelhantes. As imagens exibidas, em geral, possuem os mesmos enquadramentos durante o desenrolar do fato. A variação maior, num primeiro momento, é percebida no tom de voz dos apresentadores, nos termos utilizados para se referirem aos sujeitos envolvidos no caso, na postura dos repórteres ao conduzirem as entrevistas e na natureza de seus questionamentos.

Os pontos de diferenciação entre os telejornais analisados só ficam evidentes a partir do pós-choque. A maneira como aconteceu a cobertura do jornal da TV Bandeirantes nos três dias analisados possibilitou enxergar, sobretudo, que o programa mantém a sua narrativa com elementos sensacionalistas como algo que faz parte do seu modelo de operação.

No jornal Panorama, da TV Cultura, a apresentadora Adriana Cimino, conduz o programa e compartilha as informações com mais distanciamento. Essa característica, no entanto, embora possa parecer mais distante é o que garante uma cobertura mais respeitosa acerca do ocorrido em Suzano. O principal aspecto observado na cobertura do Panorama foi a tentativa do programa em demonstrar que houve uma preocupação em olhar para o contexto maior que levou àquele cenário.

Considerando que o sensacionalismo é representado pelo uso exagerado do drama nas suas narrativas, há de se ponderar que a humanização também faz uso do drama. Por isso, falar que só a dramaticidade caracteriza o sensacionalismo não é suficiente. Não por acaso, no jornal Panorama também foi identificado o uso de sensacionalismo. Na entrevista com Silmara, cozinheira da escola, a emoção da mulher está implícita e a repórter que conduziu a entrevista não se aproveita da fragilidade do momento para conseguir mais informações. Entretanto, apesar de o Panorama utilizar muito a câmera com imagens contextuais, nessa situação observou-se a aproximação da câmera para as expressões faciais de Silmara, exacerbando traços que despertam questões subjetivas que podem desvelar uma possível exploração da dor, isto é, a exposição da emoção do sujeito pode se sobrepor aos fatos noticiosos.

No escopo dos resultados observados na pesquisa ficou claro que, de fato, é tênue a fronteira entre humanização e sensacionalismo. No âmbito

das narrativas em geral, mas especialmente as jornalísticas, a invocação das sensações faz parte das estratégias de identificação com o sujeito leitor, telespectador, ouvinte. Nesse sentido, a sublevação das emoções humanas é o que garante, por exemplo, que as narrativas realmente falem ao sujeito. Não se trata, portanto, de uma história burocrática, fria e distante: as sensações humanas são despertadas à medida que o que fala a uma pessoa encontra seu referente em outra.

Se é assim, ao invés de buscar uma proposta “ou”, esta pesquisa demonstra que talvez uma saída esteja em agregar, criar condições para uma alternativa “e”, isto é, um jornalismo de sensações que preze pela narrativa humanizada. Isso significa que, ao invés de ater-se às estratégias narrativas que mais se alinham ao sensacionalismo – tais como aquelas localizadas nesta pesquisa, quais sejam: comentários com juízos de valor, condução de entrevistas regidas por perguntas que ultrapassam o caráter informacional, focalização de., exibição de expressões emocionais das vítimas do crime no seu puro estado, cabe ao jornalista buscar desenvolver uma narrativa humanizada, utilizando para tal, estratégias que coadunam com o jornalismo de sensações, quais sejam: explicação do contexto que levou à emergência do fato noticiado, apresentação de Sujeitos da reportagem (e não apenas de personagens das histórias contadas), exibição de imagens com detalhes sentimentais à medida que estas se prestem a explicar o fato e o contexto que se colocam. A exposição das emoções única e exclusivamente para fins de comoção não se alinha ao princípio da humanização.

Finalmente, destacamos que não é raro que, diante de tragédias humanitárias, catástrofes ambientais, conflitos e guerras, o telejornalismo receba diversas críticas acerca das coberturas realizadas. Em que pese não ser possível que o ser humano e profissional jornalista esteja sempre preparado para os percalços da vida cotidiana, é importante ter um elemento balizador da práxis de forma clara: o respeito ao ser humano e sua história (GREVISSE, 2016).

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marcia Franz. Sensacionalismo, um conceito errante. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-13, julho/dezembro 2005.

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARBOSA, Marialva Carlos. História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

. Jornalismo popular e o sensacionalismo. Revista Verso e Reverso. XVIII (39). Verso e Reverso, 2004/2.

BARBOSA, Marialva e ENNE, Ana Lucia Silva. O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional. ECO-PÓS - v.8, n.2, agosto-dezembro 2005, pp.67-87.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Editora Vozes Limitada, 2002.

BORTOLI, S. R. Sobre o jornalismo humanizado. Revista Alterjor. São Paulo, ano 7, vol. 1, ed. 13, p. 1-9., jun. 2016.

CERQUEIRA LANA, Ligia Campos. Para além do sensacionalismo: uma análise do telejornal Brasil Urgente. Editora E-papers, 2009.

ENNE, Ana Lucia Silva. O sensacionalismo como processo cultural. ECO-PÓS- v.10, n.2, pp.70-84, julho-dezembro 2007.

FLICK, Uwe. Qualidade na pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa. Bookman Editora, 2009.

GRABE, M. E., ZHOU, S., & BARNETT, B. Explicating sensationalism in television news: Content and the bells and whistles of form. Journal of Broadcasting & Electronic Media, 45, 635-655, 2001.

GREVISSE, Benoît. Déontologie du journalisme: enjeux éthiques et identifiés professionnelles. De Boeck Supérieur, 2016.

HARRINGTON, Walt. Intimate journalism: The art and craft of reporting everyday life. Sage, 1997.

IJUIM, J. K. Humanização e desumanização no jornalismo: algumas saídas. Comunicação Midiática, Bauru, v. 7, n. 2, p. 117-137, maio/ago. 2012.

LEAL FILHO, Laurindo. Percalços da TV pública: o caso da TV Cultura. Estudos avançados, v. 23, n. 67, p. 323-327, 2009.

MAINARDES, Luísa Lis et al. O breve jornal Panorama: Percepções do jornalismo na versão de remanescentes de experiência editorial. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, v. 10, n. 27, p. 73-87, 2020.

MARCONDES FILHO, C. Televisão: a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.

MATHEUS, Letícia Cantarela. Narrativas do medo: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

MEIRELLES, Allana; BRAGA, Roberta; COUTINHO, Iluska. A representatividade e a abrangência dos telejornais públicos, Repórter Brasil e Jornal da Cultura. Parágrafo, v. 2, n. 1, p. 1-16, 2014.

PEDROSO, Rosa Nívea. A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista. São Paulo, Annablume, 2001.

PRIEST, Susanna Hornig. Doing media research: An introduction. Sage, 2010.

RAMOS, Roberto José. Diário Gaúcho: discurso e sensacionalismo. Intexto, n. 28, p. 225-

244, 2013.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In Bauer, M. W. & Gaskell, G. (ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Sensacionalismo sem sangue: uma análise do telejornalismo ao vivo. Verso e Reverso, v. 19, n. 40, 2005.

VASCONCELOS, Julia Pinheiro; FREITAS, Rafael Gomes Botelho. O PUNITIVISMO NO COMENTÁRIO DO BRASIL URGENTE. Revista Científica Multidisciplinar UNIFLU, v. 4, n. 1, p. 257-268, 2019.

SANTOS, Vanessa Matos dos. Repensar os audiovisuais em uma proposta metapórica: em busca do sensível. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

WILLIS, William James et al. The human journalist: reporters, perspectives and emotions. Greenwood Publishing Group, 2003.

Vanessa Matos dos Santos

Pós-doutorado em Meios e Processos Audiovisuais (USP - 2019), Doutora em Meios e Processos Audiovisuais (USP - 2017); Doutora em Educação (UNESP, 2013) com estágio doutoral na UNED - Espanha. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).
E-mail: vanmatos.santos@gmail.com

João Pedro Alves Cintra Rabelo

Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia (2020) com pesquisas desenvolvidas sobre audiovisuais jornalísticos.
E-mail: joaopacr@gmail.com